

Rastros de violência em *Passo de caranguejo*: Revisitação das cicatrizes alemãs

Gabriel Felipe Pautz Munsberg¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar as manifestações da violência na literatura, a partir da novela *Passo de caranguejo* (*Im Krebsgang*, 2002), de Günter Grass. A violência manifesta-se desde sua forma verbal, em salas de chat online, até as vias físicas, motivada por ideologias antisemitas e neonazistas, as quais são refletidas através da narrativa que busca no passado a compreensão de acontecimentos atuais.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; Violência; Segunda Guerra Mundial; Antissemitismo; Neonazismo.

ABSTRACT: This article aims to analyze the different ways that violence is presented in literature from the novel *Crabwalk* (*Im Krebsgang*, 2002) by Günter Grass. Violence manifests itself at the same time verbally in online chats and the physically motivated by anti-Semitic and neo-Nazi ideologies. The both ways that violence were showed on this narrative make it possible for us seek in the past the understanding for current events.

Key-words: Contemporary literature; Violence; Second World War; Anti-Semitism; Neo-Nazism.

Introdução

O tema da violência, seja ela simbólica, moral ou efetivamente física, é encontrado facilmente em obras literárias contemporâneas, uma vez que a literatura acaba por refletir o contexto social em que é criada. Sejam esses textos narrativas puramente ficcionais ou de cunho testemunhal, o trauma surge como uma (das) barreira(s)² à representação da experiência vivida, uma vez que os atos violentos profanam o equilíbrio natural e normal em que os indivíduos e estruturas sociais diversas se situavam anteriormente. A necessidade dos sujeitos em retomar aspectos traumáticos para sua contemporaneidade mostra-se como uma tentativa de compreender a nova situação sociocultural e identificação de si mesmos.

Ao tratarmos da literatura alemã, é de se imaginar que os textos contemporâneos estejam profundamente ligados com as decorrências dos períodos de forte repressão violenta pelos quais a Alemanha passou no último século, dentre elas a ascensão do nazismo e a

¹ Mestrando do Programa de pós-graduação em Letras, Estudos de Literatura, linha de Teoria, crítica e comparatismo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² A questão da representação da experiência na literatura mostra-se muito mais ampla do que o que será proposto neste artigo, que se propõe a discutir o papel da violência na literatura. Como referência, podemos citar o ensaio “Pobreza e experiência”, de Walter Benjamin, no qual o filósofo alemão discorre sobre o silêncio perpetuado pelos soldados provenientes dos *fronts* da Primeira Guerra Mundial, “mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos” (BENJAMIN, [1933] 2012, p. 115).

divisão alemã no pós-guerra. Tais distinções são notadas desde textos de autores alemães em exílio durante a Alemanha Nazista até publicações do início do século XXI, passando pelos escritores e críticos do *Gruppe 47* e dos textos da chamada *Nachkriegsliteratur* (Literatura pós-guerra). A importância destas narrativas é inegável, não apenas literariamente, como também socialmente. O trabalho literário produzido por autores, sobretudo do *Gruppe 47*, que viveram de fato em período de guerra, procura, entre outros, expurgar a desorientação causada pela força brutal da violência.

Dentre um grande número de escritores do grupo, detenhamo-nos no exemplo de Günter Grass. Nascido em Danzig, em 1927, o escritor de origem cassúbia participou como soldado das forças alemãs durante a Segunda Guerra Mundial entre 1944 e 1945 e, depois de encerrada a guerra, dedicou-se às mais diversas formas de expressões artísticas. Destacando sua obra prima *O tambor (Die Blechtrommel, 1957)*, Grass foi condecorado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1999, por retratar a “face esquecida da história” a partir de sua prosa. O projeto literário de Grass, contudo, permaneceu em constante exercício até sua morte, em 2015. Sua primeira narrativa após o Nobel, a novela *Passo de caranguejo (Im Krebsgang, 2002)*, retifica sua capacidade artística de questionar as mazelas da sociedade alemã partindo da própria história do país.

1. Contextualizando (três) Wilhelm Gustloff

Passo de caranguejo, portanto, atua como espaço para reflexão e, como tal, será aqui brevemente analisado. Nesse romance, o leitor se depara com a exposição de eventos do passado do povo alemão em busca de compreensão dos acontecimentos violentos que emergem em sua contemporaneidade. Para isso, Günter Grass enreda paralelamente três histórias de tempos distintos. Por meio de *flashbacks* e *flashsfowards*, o narrador realiza constantes deslocamentos temporais durante a narração, como implica no título de seu livro: “Mais uma vez, tenho que voltar para trás, a passo de caranguejo, antes de avançar” (GRASS, 2002, p. 102).

Em todas histórias, o nome de Wilhelm Gustloff repete-se, sem que consista no mesmo sujeito, sendo que o “original” trata-se do chefe da Divisão Estrangeira do partido

nazista da Suíça, fundada por ele em Davos, em 1932. Em 4 de fevereiro de 1936, Gustloff foi assassinado a tiros em sua residência pelo judeu David Frankfurter, estudante de medicina filho do rabino de Daruvar (então no Império Austro-Húngaro, atualmente pertencente à Croácia), que entregou-se às forças policiais e alegou, como motivo de seus atos, apenas ser judeu (“Atirei porque sou judeu. Tenho plena consciência de meu ato e não me arrependo de forma alguma”; GRASS, 2002, p. 28). O corpo de Gustloff foi sepultado em um funeral público em sua cidade natal, Schwerin, Alemanha, com a presença de líderes do Partido Nacional Socialista como Joseph Goebbels e o próprio Adolf Hitler.

O segundo Wilhelm Gustloff da narrativa trata-se do primeiro navio construído com o propósito de servir como cruzeiro, batizado em homenagem ao líder alemão, em 5 de maio de 1937. O navio Wilhelm Gustloff foi construído em Hamburgo para a organização civil Kraft durch Freude (*KdF*; Força pela alegria) que promovia atividades culturais e recreativas para os trabalhadores alemães. Após cerca de cinquenta viagens, a embarcação foi transformada em navio-hospital com o início da Segunda Guerra Mundial, colaborando com a evacuação de feridos da Polônia e Dinamarca. Em novembro de 1940, serviu como quartel no porto de Gotenhafen (atual Gdynia, Polônia). Após quatro anos ancorado, o Wilhelm Gustloff partiu com cerca de nove mil e seiscentos refugiados e mil tripulantes em 30 de janeiro de 1945. Porém, após sair da Baía de Gdansk, o navio foi torpedeado três vezes pelo submarino soviético S13, naufragando e sepultando um número inexato de vítimas (estima-se entre 8500 e 9600 mortos no mar, além daqueles que não conseguiram sobreviver após serem resgatados. Apenas 964 pessoas foram resgatadas desse que é o maior naufrágio da história). Ironicamente, a fatalidade aconteceu no dia em que o líder alemão Wilhelm Gustloff faria aniversário.

Por fim, o terceiro Wilhelm Gustloff surge como codinome de Konrad Pokriefke, filho de Paul Pokriefke, o personagem-narrador de *Passo de caranguejo*. Paul é um jornalista falido nascido no navio durante seu naufrágio que, após encomenda realizada por um ex-professor, “o Velho” (“*der Alte*”)³, escreve sobre estes acontecimentos, envolvendo assim sua própria

³ Personagem ambígua na narrativa: tanto é o chefe de Paul (“Meu ex-professor, por outro lado, deve ter perdido completamente a veia literária, caso contrário não me teria contratado como seu *ghostwriter*.”, GRASS, 2002, p. 29), quanto pode ser interpretado como uma representação do próprio Günter Grass dentro do texto. Paul inscreve-se na obra, desta forma, como um *Ghostwriter*, que toma para si a incumbência de retomada do passado

vida com as histórias do líder alemão e do navio. Ao realizar a relativização de suas relações familiares, o jornalista busca também por sua própria identidade no momento em que descobre que seu filho ruma aos movimentos neonazistas alemães, influenciado pela avó, construindo um *website* em memória ao “mártir” Wilhelm Gustloff. O jovem Pokriefke utiliza o nome do líder alemão no chat do site e, em meio a discussões sobre a vida do político, marca um encontro com um usuário que utilizava o codinome de David. O encontro acontece em frente a um albergue da juventude de Schwerin, construído sobre o memorial ao líder nazista – onde suas cinzas foram depositadas – e Konrad assassina o outro jovem, chamado Wolfgang Stremplin, com um tiro, invertendo o assassinato de Wilhelm Gustloff em 1936.

“E, assim como o judeu, ele se denunciou discando o número 110 na primeira cabine telefônica disponível. Sem voltar para o local do crime, foi caminhando até a delegacia mais próxima, onde se apresentou com as palavras: “Atirei porque sou alemão.” (GRASS, 2002, p. 165).

2. Reencenação

Paul Pokriefke, durante suas pesquisas sobre o navio em que nasceu, encontra um *website*⁴ dedicado ao “mártir” Wilhelm Gustloff repleto de citações do litisconsorte Friedrich Grimm⁵ e do discurso enfadonho do advogado de defesa de David Frankfurter. “Era como se o processo tivesse que transcorrer novamente, desta vez num superlotado “teatro do mundo virtual” (GRASS, 2002, p. 44). Com o apoio de cópias de documentos e imagens sobre a vida do líder nazista, além de informações retiradas de jornais partidários do NSDAP, como o *Völkischer Beobachter* (1920-1945), o *website* beirava o cômico, como se tudo fosse

que seria de um outro (“É uma culpa que corrói a consciência do Velho. Na verdade, diz ele, sua geração tinha a obrigação de registrar o sofrimento dos fugitivos da Prússia Oriental”, GRASS, 2002, p. 95).

⁴ O endereço do *website* encontrado na versão original é www.blutzeuge.de, enquanto que na versão brasileira foi traduzido para www.martir.de. O termo alemão *Blutzeuge*, no entanto, possui conotação diferente ao vocábulo *Märtyrer*, apesar de ambos serem traduzidos como mártir, em português. Enquanto os *Märtyrer* foram os cristãos perseguidos e mortos por suas crenças, o *Blutzeuge* foi um indivíduo morto ao defender o nacional-socialismo a pátria alemã.

⁵ Friedrich Grimm (1888-1959) foi um advogado e político nazista que defendia o *Fememord* (assassinato político), apoiou a ascensão do NSDAP e lutou contra combatentes da resistência anti-nazista, como David Frankfurter. É considerado um dos maiores negadores do Holocausto, sobretudo por sua polêmica obra *Justiça política – a doença do nosso tempo* (1953), no qual o antissemita duvida da importância e exatidão dos relatos dos sobreviventes dos campos de concentração. O livro é utilizado pelo *webmaster* do site dedicado a Wilhelm Gustloff em suas páginas que “estavam coalhadas com citações de Grimm” (GRASS, 2002, p. 44).

realizado por uma única pessoa. Com o passar dos acessos, Paul percebe que, na sessão de bate-papo, as conversas mantidas entre dois usuários se sobressaíam “no meio daquelas tolices” trocadas por todos participantes do chat: “Um Wilhelm dava voz ao chefe da divisão suíça assassinado, enquanto um David entrava em cena como suicida em potencial” (GRASS, 2002, p. 46). Em torno de informações e detalhes sobre o navio e o líder do partido homônimos, os dois usuários discutem repetidas vezes no chat, com a hostilidade mútua entre nazista e judeu, porém com tons em que se percebe um sentimento de respeito sobre o outro, até mesmo camaradagem:

“Mal um dava cabo do outro, recomeçavam num tom brincalhão, como dois amigos fazendo troça. Antes de deixar a sala de *chat*, diziam: “Tchauzinho, clone de porco nazista!” e “Até mais, judeuzinho de merda!”. Mas assim que um internauta das ilhas Baleares ou de Oslo tentava se meter na conversa, era rechaçado com um “Caia fora!” ou um “Volte mais tarde!” [...]

Podiam ser tomados por amigos, a tal ponto se esforçavam para manifestar ódio mútuo como se estivessem fingindo. Quando Wilhelm perguntou na sala de *chat*: “Se o *Führer* me ressuscitasse, você atiraria de novo em mim?”, David respondeu sem pestanejar: “Não, da próxima vez é sua chance de acabar comigo.”” (GRASS, 2002, p. 47).

Ao utilizarem os nomes de figuras históricas e rivais, os usuários tomam para si próprios a hostilidade própria de estranhos e que, em situações extremas como as discutidas pelos jovens, possibilita o conflito. Os discursos de ódio são propagados na internet de forma fácil e, igualmente, rapidamente encontram *feedback* positivos, o que promove o ego de seus autores e pode gerar o uso de violência física em casos onde há oposição de ideologias, como é apontado em reportagem de Kersten Knipp (2016) para o periódico Deutsche Welle. De acordo com a editora do *site* www.dangerousspeech.org, Susan Beresch, um círculo de usuários pode geralmente influenciar a sequência de ataques verbais ao criar um público que assiste e inflama ainda mais o debate, a ponto da violência física ser utilizada. Muitos indivíduos, majoritariamente adolescentes, passam a postar suas frustrações e críticas a determinadas situações e grupos, como por exemplo discursos xenofóbicos a imigrantes, até que sejam compreendidos e aceitos por usuários de ideologias semelhantes e consigam assim constituir suas identidades em grupos. Por outro viés, o anonimato proporcionado pelas salas de bate-papo permite também uma espécie de laboratório para as opiniões mais extremas sem que haja, a primeiro nível, punições reais.

3. Princípio

Konrad Pokriefke somente tem conhecimento que David não era judeu durante seu julgamento, quando o procurador de menores lhe mostra um “comprovante de descendência ariana” de Wilhelm Stremplin, o que poderia provocar um determinado arrependimento por parte do assassino no tribunal. Porém, o jovem responde convicto que havia atirado em David por “princípio” (“Isso não muda no assunto em questão. Só eu podia decidir se a pessoa conhecida como David falava e agia como judeu”; GRASS, 2002, p. 172). Ao agir de acordo com seus princípios, Konrad expressa que o ato de atirar em David lhe é importante, ou até mesmo necessário em seu discernimento.

O discernimento (*Einsicht*) é algo que todos seres humanos desenvolvem durante seu crescimento. Sendo assim, adultos possuem maior capacidade de discernir a realidade do que os mais jovens, tendo a exceção em pessoas “loucas”, ou seja, que não possuem (mais) suas faculdade mentais plenas, e naquelas com atraso mental, as quais não chegaram a desenvolver uma efetiva capacidade racional. O caso de Konrad, contudo, não parece se encaixar nesses dois últimos, visto que o jovem possuía rendimento escolar entre bom e excelente e, após preso, é “promovido” como instrutor em um curso de computadores dentro da penitenciária (“Pois é, você sabe, nesse assunto ele sempre foi um craque...”; GRASS, 2002, p. 194) e que concluiu seus exames do curso secundário “com a excelente nota 1,6” (GRASS, 2002, p. 194). Sendo assim, o jovem possui condições normais de discernimento de seus atos e é plenamente apto a ser responsabilizado por seus atos (cf. Hegel, 1997⁶).

Durante o processo no tribunal, Konrad aceita o convite do juiz titular a expor os motivos de seus atos. “Parecia mais jovem do que seus 17 anos, mas falava com segurança, como se tivesse adquirido experiência de vida em cursos intensivos” (GRASS, 2002, p. 183). Sua explicação detalhada inicia com o nascimento de Wilhelm Gustloff, “ressaltando seu

⁶ “§ 120 - O direito da intenção significa que a qualidade universal da ação não reside apenas em si mas é conhecida do agente, isto é, encontra-se já na vontade subjetiva: inversamente, mas pela mesma razão, o direito objetivo da ação (que assim se lhe pode chamar) significa que ela pode afirmar-se conhecida e querida pelo sujeito como ser pensante” (HEGEL, [1820] 1997, p. 107-108).

trabalho de organização na Suíça e proclamando a cura de seu mal dos pulmões como um triunfo “da força sobre a fraqueza” (GRASS, 2002, p. 178-179).

“Em seu testemunho, Konrad logo se livrou das anotações e do material que pretendia citar. Quando tratou da preparação e execução do assassinato em Davos, ressaltou a aquisição legal da arma do crime e o número de tiros disparados: “Tal como eu, David Frankfurter atirou quatro vezes.” Também traçou um paralelo com a justificativa do ato, apresentada ao tribunal do cantão de Graubünden, segundo a qual Frankfurter atirou por ser judeu. Mas meu filho acrescentou: “Atirei porque sou alemão – e porque o eterno Judeu Errante falava através de Davi” (GRASS, 2002, p. 179).

Com a cerimônia fúnebre do líder do NSDAP e o lançamento do navio batizado em sua homenagem, Konrad prossegue seu testemunho. Após, o navio é descrito em todos seus detalhes e honras: “O navio a motor *Wilhelm Gustloff*, que viajava sem distinção de classes, foi e continua sendo a expressão viva do socialismo nacional, exemplar até hoje e com efeito permanente no futuro!” (GRASS, 2002, p. 180). Na sequência, Konrad narra o naufrágio da embarcação, mas sem as acusações que eram encontradas em seu site. O adolescente surpreende aos jurados ao pedir perdão à vítima, uma vez que foi Wolfgang quem lhe convenceu de que o naufrágio do navio não foi apenas um assassinato de crianças e mulheres, mas que ele poderia ser encarado como um alvo militar.

“Por fim, disse: “Não nego meu ato. Mas peço ao Supremo Tribunal que encare essa execução como algo que só tem sentido num contexto mais amplo. Sei que Wolfgang Stremplin estava quase terminando os estudos secundários. Infelizmente, não pude levar isso em conta. *Tratava-se e ainda se trata de algo maior*. Schwerin, a capital do Estado de Meclemburgo, precisa honrar finalmente seu filho ilustre. Faço meu apelo para que na margem sul do lago de Schwerin, ali onde homenageei o ‘mártir’ à minha maneira, seja erguido um monumento de advertência, para nós e para as próximas gerações, em memória daquele Wilhelm Gustloff que foi assassinado à traição pelos judeus. Há alguns anos, o comandante de submarino Alexander Marinesko, declarado ‘Herói da União Soviética’, foi finalmente lembrado com um monumento em São Petersburgo, e da mesma forma temos que fazer justiça a um homem que deu a vida no dia 4 de fevereiro de 1936 para que a Alemanha se libertasse da opressão dos judeus. Reconheço que, do lado judaico, também existem motivos para honrar com uma escultura o estudante de Medicina que deu um exemplo a seu povo com quatro tiros certos, quer em Israel, onde David Frankfurter morreu em 1982, quer em Davos. Ou só uma placa de bronze já estaria OK” (GRASS, 2002, p. 180-181; grifo meu).

Uma vez que em nenhum momento é questionada a capacidade do jovem, Konrad compreende que o ato de atirar, assim como as consequências deste ato, não mira apenas o homicídio em si, mas que há um “fim particular positivo” nessa ação. Fazendo uso de sua racionalidade, o adolescente age de acordo com aquilo que ele próprio considera como “bom”, ou seja, fazer livremente o bem a si próprio. Mesmo que esse agir beneficentemente seja ao nível universal, a ação faz parte de uma tendência egocêntrica do indivíduo, de um ser para si. Entre os desapontamentos familiares e as ilusões neonazistas, Konrad realiza “justiça” por si só, almejando o reconhecimento de Wilhelm Gustloff como um mártir da nação, mas também em uma tentativa de impor uma identidade a si mesmo e por ela ser reconhecido dentro da sociedade.

4. Quem é Konrad Pokriefke

De acordo com o psicanalista francês Jean-Jacques Rassial (1997), durante a adolescência o sujeito permanece em uma “posição de intervalo” em que não é mais criança, mas ainda não se tornou adulto. Essa incerteza social gera desequilíbrios psicoativos em relação à construção de identidade do adolescente e confrontos com as instâncias das leis e autoridades, criando um sujeito voltado apenas a si mesmo, uma vez que lhe é imposta a necessidade de assumir novas responsabilidades na sociedade.

“O adolescente deverá efetuar um trabalho de apropriação ou, antes, de reapropriação da imagem do corpo, tal como ela foi construída na primeira infância, por volta da época chamada de Estágio do Espelho (...) Com efeito, na adolescência, o que garante essa imagem do corpo não são mais o olhar e a voz dos pais, em particular da mãe, mas o que verão e dirão seus pares e, sobretudo, os eventuais parceiros do outro sexo” (RASSIAL, 1997, p. 77)

No caso em questão, Konrad assume toda responsabilidade por seus atos e se recusa a aceitar algum tipo de culpa indireta dos pais: “Minha mãe não é má pessoa, apesar de ter me irritado muitas vezes com suas eterna conversa sobre Auschwitz. E meu pai deve esquecer bem depressa o julgamento, assim como eu o esqueci completamente há alguns anos” (GRASS, 2002, p. 183-184). Ao sentir-se negligenciado pelos pais, Konrad percebe na avó

paterna, Ursula Pokriefke, uma figura “de melhor linhagem” para seu desenvolvimento intelectual, como aponta Sigmund Freud em “Romances familiares” [1909]:

“O sentimento de estar sendo negligenciado constitui obviamente o cerne de tais pretextos, pois existe sem dúvida um grande número de ocasiões em que a criança é negligenciada, ou pelo menos *sente* que é negligenciada, ou que não está recebendo todo o amor dos pais” (FREUD, 2009, p. 128).

Crescendo sem a presença constante e afetiva do pai, a criança sente saudade (*Sehnsucht*)⁷ de relações afetuosas e pode confundir essa falta com o sentimento de ódio. Com a queda do Muro de Berlin, Konrad, com então dez anos de idade, passa a visitar a “avó Tulla” em Schwerin e, então, “os dois se entenderam à primeira vista” (GRASS, 2002, p. 42). Vulnerável, Konrad foi sendo influenciado pela avó até acabar mudando-se da casa materna, em Mölln, para junto da avó Tulla. Konrad tem na avó um Outro com uma visão diferente de sua imagem, a qual o adolescente toma como guia para reconstrução de sua identidade, substituindo as figuras dos pais como referências, assim como Ursula vê no neto a chance de conseguir com que a história do naufrágio do navio da *KdF* possa ser contada, a partir de seu ponto de vista de sobrevivente, o que não foi possível através do filho Paul.

Ursula Pokriefke pode ser compreendida como uma personagem traumatizada, a qual tem a necessidade de falar do que lhe é traumático em busca de reparação do desequilíbrio causado pelos acontecimentos. De acordo com Freud, em “Para além do princípio do prazer” [1920], o indivíduo traumatizado tende a narrar por várias vezes o mesmo fato traumático, como numa “compulsão à repetição”, porém

“o paciente não pode recordar a totalidade do que nele se acha reprimido, e o que não lhe é possível recordar pode ser exatamente a parte essencial. Dessa maneira, ele

⁷ Sigmund Freud entende a busca por sujeitos a serem considerados como melhores pais ocasionada como “expressão da saudade” das relações afetuosas da criança, como explicado no trecho: “Na verdade, todo esse esforço para substituir o pai verdadeiro por um que lhe é superior nada mais é do que a expressão da saudade que a criança tem dos dias felizes do passado, quando o pai lhe parecia o mais nobre e o mais forte dos homens, e a mãe a mais linda e amável das mulheres” (FREUD, 2009, p. 130). A ideia de *saudade*, contudo, é melhor compreendida ao consultarmos a versão original do texto: “Ja, das ganze Bestreben, den wirklichen Vater durch einen vornehmeren zu ersetzen, ist nur *der Ausdruck der Sehnsucht* des Kindes nach der verlorenen glücklichen Zeit, in der ihm sein Vater als der vornehmste und stärkste Mann, seine Mutter als die liebste und schönste Frau erschienen ist“ (FREUD, 1909, s.p.; grifo meu). Para entendermos o sentido mais amplo de *Sehnsucht*, devemos imaginar o termo, além das aproximações aos significados de falta intensa e saudade, como também um anseio ou desejo, ou seja, até mesmo de algo que o sujeito não obteve posteriormente para sentir, de fato, saudade.

não adquire nenhum sentimento de convicção da correção da construção teórica que lhe foi comunicada. É obrigado a repetir o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de, como o médico preferiria ver, recordá-lo como algo pertencente ao passado” (FREUD, 2009b, p. 12-13).

Dessa forma, a própria repetição da narrativa apresenta-se como uma impossibilidade do sujeito encontrar uma explicação e superar seu trauma. Rememorar é uma “tragédia árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma – e, portanto, envolve a resistência e a superação da negação –, como também visa a um consolo nunca totalmente alcançável” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 52).

Ursula percebe-se como indivíduo avulso de uma comunidade que, a princípio, não lhe diz mais nada a respeito. A partir da narração de experiências e memórias de vida, em teor testemunhal, Ursula busca compartilhar, com o neto, “[um]a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração” (BENJAMIN, 2012, p. 228).

Konrad tenta, então, construir sua identidade através do que acredita ser uma herança, além de genética, histórica. Entusiasmado com as histórias contadas por Ursula, o personagem assume um comportamento distante do pai, destituído de sua idolatria, e refugia-se no computador que ganha da avó, estudando e vivendo o mundo de Wilhelm Gustloff, sujeito esse que lhe serve como um herói, ou melhor, como um mártir – *Blutzeuge* – capaz de reparar a realidade de sua vida.

Conclusão

Günter Grass, portanto, analisa a emergência neonazista presente na Alemanha contemporânea ao recuperar fatos do passado. A violência, pode-se dizer, é recorrente em variados momentos sociais, influenciada por ideologias fascistas, as quais sobrevivem até hoje mesmo com suas proibições legais, na Alemanha, como o antissemitismo e o nazismo. A partir dela, Konrad Pokriefke pretende instaurar a veneração ao líder do partido nazista suíço Wilhelm Gustloff como mártir alemão, pressupondo uma sistematização da própria violência como instância que detém o poderio sobre a vida do indivíduo em sua autonomia.

Referências

BENJAMIN, Walter. Pobreza e experiência. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In: FREUD, Sigmund. *Obra completa*. Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2009.

_____. Romances familiares. In: _____. *Obra completa*. Vol. 9. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2009.

_____. *Der Familien Roman der Neurotiker*. Projekt Gutenberg, 1909. Disponível em: <<http://gutenberg.spiegel.de/buch/kleine-schriften-i-7123/20>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

GRASS, Günter. *Im Krebsgang*. Eine Novelle. München: DTV, 2015.

_____. *Passo de caranguejo*. Trad. Flávio Quintiliano. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Princípios da filosofia do direito*. Trad. Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Flores, 1997.

KNIPP, Kersten. *Von verbalen zur realen Gewalt*. Deutsche Welle, 07 fev. 2016. Disponível em <<http://dw.com/p/1Hqb0>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

RASSIAL, Jean-Jacques. *A passagem adolescente: da família ao laço conjugal*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.